

**IDENTIDADE ÉTNICA:
narrativas de uma comunidade quilombola em um vídeo-documentário**

**ETHNIC IDENTITY:
narratives of a quilombola community in a video documentary**

Cledineia Carvalho Santos¹

RESUMO

Análise de um vídeo-documentário sobre Nova Esperança, comunidade remanescente de quilombola, localizada no município de Wenceslau Guimarães (Bahia-Brasil), cujas histórias perpassam pela construção da identidade étnica em vídeo documentário produzido pelos próprios na busca pelo reconhecimento.

Palavras-chave: Identidade étnica. Narrativa. Comunicação.

ABSTRACT

Analysis of a video documentary about Nova Esperança, a remnant quilombola community located in the municipality of Wenceslau Guimarães (Bahia-Brazil), whose stories go through the construction of ethnic identity in video documentaries produced by themselves in the search for recognition.

Keywords: Ethnic identity. Narrative. Communication.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho é resultado de um estudo voltado à produção de um vídeo-documentário intitulado “História da Fundação de Nova Esperança”, elaborado pelos membros da comunidade no ano de 2008. Ele teve como objetivo registrar as narrativas dos moradores mais velhos acerca da história de sua fundação, para servir de fonte para o reconhecimento da confraria enquanto lugar de remanescentes quilombolas. Por ser um vídeo gerado pelos próprios sujeitos, portanto, fora dos modelos privilegiados de se produzir comunicação, ele é relevante para esse grupo por visibilizar sujeitos até então subjugados. Salientamos, ainda, que, no corpo do vídeo-documentário, as narrativas enunciam as identidades étnicas dos sujeitos em um construto coletivo da sua história.

Trata-se de um estudo da cultura midiática de um trabalho original produzido por sujeitos “comuns”. A ideia de produção visou servir à afirmação e ao autorreconhecimento de

¹ Universidade Federal da Bahia. E-mail: keucarvalho@yahoo.com.br.

si, enquanto remanescentes quilombolas, para o qual discorrem sobre as histórias que enaltecem seus ancestrais em um tecer étnico identitário.

A comunicação, por meio das diversas ferramentas e técnicas disponíveis, tem importante papel na divulgação e também na promoção de grupos subalternizados e historicamente silenciados, mas decidem falar por si, sem intermediadores, superando a condição de subalternidade, construindo sua autonomia conforme ressoa Beatriz Nascimento quando afirma: “É tempo de falarmos de nós mesmos não como ‘contribuintes’ nem como vítimas de uma formação histórico-social, mas como participantes desta formação” (NASCIMENTO, 1974b *apud* RATTS, 2006, p. 101).

Por isso, analisar um vídeo produzido sem pretensões mercadológicas, mas com valor sociopolítico, contribui para pensarmos sobre como os produtos midiáticos servirão à promoção da liberdade e dos direitos, tendo como possibilidade a atuação intelectual periférica pela voz do subalterno.

Comunidades quilombolas são grandes propensoras de narrativas históricas e discursivas. Então, utilizar-se da comunicação como instrumento de lutas por reconhecimento permite-lhes articular diálogos na busca por direitos essenciais da comunidade, como sua identidade, seu território e do ser quilombola.

Os moradores da Comunidade de remanescentes quilombolas de Nova Esperança se organizam em torno de identidades traçadas em seus discursos. E, para falar de si mesmos, utilizam-se de estratégias midiáticas possíveis. Por isso, para tratar do objeto aqui proposto, debruçaremos nas teorias que discutem Identidade étnica, Cultura, Comunicação e Análise Fílmica. Entre eles, ressaltamos: Rudimar Baldissera (2009, 2010); Fredrik Barth (1998); Roy Wagner (2010), Stuart Hall (2003, 2009) e David Bordwell(1991). Para a construção da pesquisa, utilizamos análise fílmica, pesquisa bibliográfica, método narrativo e técnicas da história oral.

2 A COMUNIDADE DE REMANESCENTES QUILOMBOLAS NOVA ESPERANÇA

Nova Esperança é uma comunidade de remanescentes de quilombos, localizada no município de Wenceslau Guimarães, Bahia-Brasil, a 290 km de sua capital, Salvador. Tem uma população estimada em 3.000 habitantes, distribuída entre a sede da comunidade e seu entorno territorial. No seio da comunidade, os núcleos familiares são compostos por 100 famílias. Quanto à distribuição por gênero, existem aproximadamente 42% de homens e 58% de mulheres. Os quilombolas vivem da lavoura do cacau, da banana e da graviola, todas produzidas

em escala comercial. Paralelo a essas culturas, há ainda as produções de subsistências, como milho, mandioca, laranja, feijão e criação de animais de pequeno porte para o consumo próprio.

A relação de trabalho existente acontece entre os proprietários das terras e os prestadores de serviços, os chamados diaristas. Esporadicamente, acontecem as trocas de serviços conhecido como “d’ mão”.²

Outra relação muito comum é a de meeiros - a cultura consiste na troca de serviços entre o dono das terras e ou plantações e o lavrador. Nesse tipo de trabalho, ocorre a divisão igual dos lucros.

A convivência estabelece-se a partir de laços de parentesco e de compadrio, isto colabora para uma convivência pacífica entre os moradores. Outro fator preponderante é a luta pelo reconhecimento da comunidade enquanto lugar de ancestralidade negra. Para tanto, contam e enlaçam histórias de seus antepassados comuns.

A comunidade de Nova Esperança se caracteriza pelos seus traços identitários que os remetam ao passado de opressão. Dessa forma, elas se diferenciam de outras comunidades ao seu redor, organizando-se entre os que estão dentro e os que estão fora deste construto. Nisso, apontam o limite entre ‘Eles’ e os ‘Outros’ no qual delimitam fronteiras étnicas.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O vídeo-documentário constituiu-se objeto de reflexão para muitos teóricos, por ser um meio importante para se reconstruir fatos, anunciar ideias e rememorar as histórias até então esquecidas. É capaz de transformar coisas não palpáveis em realidade visível. É por isso, importante ao que tange às histórias de comunidades tradicionais historicamente subalternizadas, como é o caso do objeto de análise deste artigo.

Definir, porém, o que é o gênero vídeo-documentário não é algo simples, conforme se imagina. Isto porque, a princípio, supõe-se ser o seu conteúdo relatos da realidade, uma coletânea de histórias e informações a serem validadas por quem assiste a ele. Sendo assim, “uma narrativa com imagens-câmera que estabelece asserções sobre o mundo, na medida em que haja um espectador que receba essa narrativa como asserção sobre o mundo” (RAMOS, 2008, p. 22), ou seja, não basta dizer ser o documentário um filme do real, pois carece de aceitação e validação.

² D’ mão refere-se ao trabalho coletivo, tipo mutirão.

Partindo do princípio de que a função clássica de um documentarista é informar e levar ao espectador reflexões sobre o mundo, o vídeo em análise cumpre o papel de informar e fomentar as histórias nele contadas, cujo intuito dos seus produtores foi o de estabelecer uma representação identitária do lugar.

O vídeo-documentário necessita ter sentido no pretendido dizer. Baldissera (2009, p. 118) diz que “se alguém – alteridade – atribuir sentido a algo e/ou alguma coisa dela e assumir isso como comunicação, então será comunicação”. O mesmo é passível de interpretação, perpassando do âmbito formal de sua produção para outras formas de produzir.

A esse despeito, David Bordwell (1989) diz:

Item de fundamental importância no/para o trabalho, pois irá nortear a discussão, inclusive poderá ser uma das primeiras partes a serem lidas pelo leitor. Portanto, a apresentação deverá ressaltar os aspectos mais importantes dos dados coletados, correspondentes àqueles a que se fará referência e se comentará na discussão. Deve-se ter devida atenção às normas de apresentação de tabelas e ilustrações evidenciadas (desenhos, esquemas, fluxogramas, fotografias, gráficos, mapas, organogramas, plantas, quadros, retratos e outros).

Ao assistir uma imagem, prestamos atenção, fazemos inferências e realizamos voluntariamente atividades perceptivas involuntárias que precisam ser analisadas e explicadas. Ao seguir uma narrativa, fazemos suposições e desenhamos esquemas e rotinas para chegar a conclusões sobre o mundo da história (BOREWELL, 1989, p. 69-70).³

Com isso, a história do sujeito e o contexto em que o filme foi realizado transformam seu processo de significação. Para Ramos (2001), “O documentário é visto como um campo tradicional, com regras a serem seguidas. Extrapolar estas fronteiras é um atestado de inventividade e criatividade” (RAMOS, 2001). E isto, o documentário produzido pelos moradores de Nova Esperança tem.

Neste caso, a organização comunicativa perpassa o espaço privilegiado de produção para se manifestar em diversos lugares e contextos legitimadores de um produto, pois a verdade está no que foi dito, “se alguém- atribuir sentido a algo e/ou alguma coisa dela e assumir isso como comunicação, então será comunicação” (BALDISSERA, 2009, p. 118).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As narrativas presentes no documentário sobre a história da comunidade Nova Esperança expressam subjetividades de tom representativo, cujo intuito é de convencimento

³ Tradução minha. Versão original em língua inglesa. “In following a narrative, we make assumptions and draw on schemata and routines in order to arrive at conclusions about the world of the story. Somehow all this may come out as pleasure, but we scarcely know how. História” (BOREWELL, 1989, p. 69-70).

daquilo que desejam dizer e imprimir como história autêntica, conotando caráter étnico identitário.

A identidade étnica ocupa lugar emergente em que o sujeito se baseia em si para situar-se etnicamente. As identidades étnicas estão, portanto, interligadas nas concepções de si nas relações com os outros “[...] identidades étnicas só se mobilizam com referência a uma alteridade, e a etnicidade implica sempre a organização de agrupamentos dicotômicos entre o Nós/Eles [...]” (BARTH, 2011, p. 152).

A identidade étnica de um grupo se forma pela absorção de traços culturais diferenciados, de forma dinâmica, em constante reconstrução. Estudos levam em consideração os processos de hibridação e dão conta de que as identidades são móveis, as diferenças são delineadas por negociações e construção de sentidos, conforme enfatiza Hall (2003), “Todos os termos da identidade dependem do estabelecimento de limites – definindo o que são em relação ao que não são” (HALL, 2003, p. 85).

A pertença a um grupo étnico é questão “de definição social, de interação entre a autodefinição dos membros e a definição exógenas e endógenas de pertença étnica que transforma a etnicidade em um processo dinâmico sempre sujeito à redefinição e à recomposição” (POUTIGNAT; STREIFF-FERNART, 2011, p. 142). Nesse sentido, as relações interpessoais e identitárias do grupo reelaboram a pertença étnica.

Outro fator contribuidor para a reconstrução de uma identidade é o sentimento de pertencimento a uma dada cultura definida por Hall (2003) de “processos inconscientes”, formado através das relações com traços culturais de outros grupos.

A identidade é, portanto, um processo interminável de interações entre pessoas, resultando em fronteiras e proximidades em um território cultural, ou seja, construímos identidades em interação com o outro – em contato com a família, a comunidade, a cultura, em espaços diversos – de maneira a adquirirmos informações que resultam em subjetividades – como nos fala Roy Wagner (2010, p. 211), o homem “é um mediador de coisas, construtor e capaz de transformar-se nas coisas em seu entorno, de integrá-las ao seu conhecimento, ação e ser”.

Assim como a identidade, a cultura é adquirida dinamicamente. Ela é a todo momento reinventada e ressignificada, podendo mudar a qualquer momento em comunicação com os outros. Wagner (2010) afirma que “O efeito dessa invenção é tão profundo quanto inconsciente; cria-se o objeto no ato de tentar representá-lo mais objetivamente e, ao mesmo tempo, se criam (por meio de extensão analógica) as ideias e formas por meio das quais ele é inventado” (WAGNER, 2010, p. 41).

Nesse sentido, a cultura se constitui de natureza metafórica, na qual teias de significados vão sendo impressos na lógica da inventividade de um dado grupo que a objetiva, de acordo com o seu jogo de interesse, simbolizando o convencional e inevitável ao ser humano, como indivíduo ou como grupo.

5 TECENDO IDENTIDADES ÉTNICAS NO VIDEODOCUMENTÁRIO

Narrar, um ato humano e coletivo. Não teria sentido a narrativa se não existisse o outro ouvinte e interacionista. Portanto, narrar também é um ato coletivo. Sobre isto, Delgado (2006) afirma “[...] A narrativa [...] é a humanidade em movimento. São olhares que permitem tempos heterogêneos. É a história em construção. São memórias que falam” (DELGADO, 2006, p. 44). Embora, na contemporaneidade, as narrativas sejam móveis e efêmeras, é indiscutível que as formas orais ainda ocupam lugar privilegiado para a manutenção da história. Nesse sentido, utilizar-se dos recursos para guardar a memória coletiva se torna relevante para a permanência do texto.

Partindo dessa premissa, a comunidade de remanescentes quilombolas de Nova Esperança, traduziu para o videodocumentário o objetivo de tornar a história de seus antepassados um texto para a posteridade. Para tornar isto realidade, fizeram um vídeo de cunho narrativo, no qual buscaram reelaborar a trajetória do fundador da comunidade, o Senhor Faustino dos Santos e sua família.⁴

O vídeo-documentário “História de Nova Esperança”, de produção caseira, tem duração de 28 minutos. Uma narradora-personagem é quem conduz a história. Ele teve como proposta contar a história dos fundadores da comunidade e, com isso, justificar as origens quilombolas do grupo para a Fundação Palmares.⁵

Ressaltamos que, antes da produção do vídeo, houve todo um processo dialógico entre os interlocutores da Fundação Palmares e os moradores de Nova Esperança, até eles se autodefinirem remanescentes quilombolas.

⁴ Fundadores da comunidade de remanescentes quilombolas Nova Esperança, Wenceslau Guimarães, Bahia, Brasil.

⁵ Fundação Cultural Palmares, entidade vinculada ao Ministério da Cultura (MinC). É a primeira instituição pública voltada para promoção e preservação da arte e da cultura afro-brasileira. FCP já emitiu mais de 2.476 certificações para comunidades quilombolas. O documento reconhece os direitos das comunidades quilombolas e dá acesso aos programas sociais do Governo Federal. É referência na promoção, fomento e preservação das manifestações culturais negras e no apoio e na difusão da Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino da História da África e afro-brasileira nas escolas. A Fundação Palmares já distribuiu publicações que promovem, discutem e incentivam a preservação da cultura afro-brasileira e auxiliam professores e escolas na aplicação da Lei.

Posterior a isto, iniciaram-se os trâmites para o reconhecimento oficial. Só então, decidiram tecer as histórias de seus ancestrais, contadas no vídeo. Ele apresenta qualidade simples, nos permitindo dizer que os seus elaboradores não tiveram intenções comerciais e ou cinematográficas do produto. Ou seja, o único propósito foi a reafirmação de si enquanto remanescentes quilombolas, uma vez que “a pertença étnica é, ao mesmo tempo, uma questão de origem” (BARTH, 2011, p. 214).

O paradigma da organização não é complexo. O documentário não se preocupa com a estética e nem a técnica, visto que a pretensão nele é unicamente o de tornar a história ali narrada verdadeira, para conseguir o tão almejado reconhecimento. Com isso, adquirir a certificação, para além das vantagens sociopolíticas, é também documentar e exaltar o seu passado histórico em um processo de construção e sentido.

Posteriormente, o produto foi transformado em material pedagógico para a escola local, cujo intuito é “eternizar” a memória. Ele foi produzido, ainda, por entenderem ser a imagem a melhor forma de apresentar o que se deseja dizer, podendo atingir muitas pessoas, criando novos olhares sobre o povo da comunidade.

No documentário, as narrativas dos colaboradores chegam a um lugar comum, que, segundo eles, se dá pela chegada de seu fundador, o Sr. Faustino dos Santos, e sua família, por volta da primeira metade do século XX.

O vídeo-documentário aborda a relação histórica e ancestral de seus moradores na perspectiva da etnicidade enquanto percursos de seu surgimento. Isto é evidenciado no início do documentário quando Senhorinha dos Santos⁶ conta o seguinte: “Faustino não teve infância, vivia como escravo, cortando cana” (Videodocumentário, História de Nova Esperança, 2008).

Nesse relato, é perceptível o quanto é importante dizer sobre a condição que o precursor vivia antes de chegar à comunidade, para realçar as origens de pertencimento.

Em outro trecho do documentário, é dito nominalmente o nome dos sete filhos⁷ que, posteriormente, viriam a habitar na localidade, dando início à comunidade, como relata a narradora “Os filhos foram se casando e construindo também suas casas” (Vídeo-documentário, História de Nova Esperança, 2008).

Outro realce apontado pela narradora é sobre a odisséia percorrida por Faustino dos Santos até chegar na localidade, conforme a descrição que segue “Por causa da seca foram obrigados a mudar, com surracas nas costas e cortando poeira na estrada [...] ao chegar, Faustino

⁶ Neta de Faustino dos Santos e narradora do documentário.

⁷ Maurício, Marcelina, Salvador, Roque, João, Feliciano e Amadeu.

respirou aliviado e deu o nome do lugar de Nova Esperança” (Vídeo-documentário, História de Nova Esperança, 2008).

Neste trecho percebemos as intenções e objetivos comuns nas “verdades” que desejam anunciar de forma a firmar a identidade do grupo como descendentes quilombolas. Nesse sentido a “[...] ideia de organização compreende também, e fundamentalmente, sujeitos em relação, laborando por objetivos específicos, definidos, claros “(BALDISSERA, 2010, p. 62). Diante do seu passado de luta por uma fixidez, o universo simbólico constituído nos permite delinear uma lógica ideológica dos sujeitos na interação que, ao mesmo tempo, os une e os diferencia, influenciando na construção da identidade étnica local. Isto é perceptível no trecho no qual a narradora conta que “A segunda filha do casal, chamada Marcelina, tornou-se parteira, a benzedeira da família, dava remédio caseiro às crianças, pois não tinha médico [...]” (Vídeo-documentário, História de Nova Esperança, 2008). Esse relato visa mostrar os “rastros” da sua cultura, dos vínculos com os saberes africanos e, com isto, tornar verdadeiro aquilo que pretende dizer sobre os vínculos ancestrais com o passado escravizador, no desejo de ser reconhecido, porque a identidade étnica está baseada na noção de si dentro de um contexto.

Com isso, a identidade realçada na narrativa sobre a comunidade se estrutura nas relações interseccionais, “nas quais [...] tentam construir uma vida em comum, ao mesmo tempo em que retém algo de sua identidade “original”” (HALL, 2009, p. 50), construídas na história individual.

Os depoentes, ao narrar a odisseia de seus ancestrais, enlaçam histórias comuns, excluindo outras, em um construto étnico identitário, o que torna o vídeo demasiadamente importante do ponto de vista pós-moderno proposto por Stuart Hall (2002), no qual, cada vez mais, a identidade unifica um “povo” dentro da comunidade em constante processo de formação. Nesse sentido, Hall (2002) diz ser a Identidade uma “celebração móvel”.

A identidade não é inerente ao nascimento, ao contrário, é construída ao longo de nossa existência, a partir das relações construídas e individualizadas pelas narrativas do eu e reelaboradas continuamente na contemporaneidade no qual o sujeito vai tecendo sentidos em perspectivas híbridas nas comunidades em que vivem.

Partindo dos pressupostos de Fredrik Barth (2011), dizemos que as afirmações identitárias acontecem em um processo contínuo de interação e diferenças em que se busca localizar as fronteiras constituídas entre os demais moradores e os remanescentes de quilombo.

A identidade é, portanto, um processo interminável de interações entre pessoas, resultando em fronteiras e proximidades em um território cultural, ou seja, construímos identidades em interação com o outro – em contato com a família, a comunidade, a cultura, em

espaços diversos – de maneira a adquirirmos informações que resultam em subjetividades no critério da autoidentificação.

Nas narrativas construídas no vídeo, a comunidade se reconhece negra, portanto, descendente de povos escravizados. Nesse interim, rememoram histórias de seus avós, do cativo à nova terra, destacando a história da família fundamentada nos traços étnico-raciais e culturais.

RESULTADOS FINAIS

Os resultados com o vídeo-documentário analisado mostraram que, nas histórias contadas pelos narradores, há identidades étnicas com fronteiras bem-marcadas entre os descendentes e os outros moradores, demarcando o que Barth (2011) trata como fronteiras étnicas.

Sendo a identidade étnica, a percepção de si, enquanto grupo dentro de uma dada situação, as narrativas registradas no videodocumentário em análise demonstram a comunidade de Nova Esperança em um processo de reconstrução identitária típica das comunidades quilombolas, pois existe uma autoafirmação delas, enquanto grupo que se diferencia dos outros do seu entorno territorial, implicada na etnicidade ligada ao período da escravidão.

Os elementos que constituem as identidades étnicas apontadas nas narrativas colocam os descendentes dos fundadores como protagonistas da história local em detrimento das outras histórias ali existentes. Isto é salientado por Barth (2011, p. 194) ao dizer: “na medida que os autores usam identidades étnicas para caracterizar a si mesmos e os outros, eles formam grupos étnicos [...]”. A etnicidade neste contexto surge na medida em que categorias são criadas para identificar quem é e quem não é pertencente ao grupo, instituindo, assim, as fronteiras étnicas.

Partindo da narrativa do vídeo, os remanescentes de quilombo dessa comunidade selecionam características para resgatar traços da identidade que os liga diretamente aos vínculos com o passado em cativo. A comunidade se diferencia das outras ao seu redor, a fim de dizer quem pertence e quem não pertence a esse grupo. Ou melhor, os de dentro e os de fora, limitando as pertencas étnicas.

A narradora vai traçando a história dos precursores, acionando critérios para esta afirmação identitária, como: vínculos de parentescos, fenótipos raciais, situação econômica e lembranças do passado escravizador. Essas descrições são indispensáveis à identidade social e de pertença étnica.

Com relação à produção do material fílmico, sugere-se que haja estudos que abordem a temática com profundidade, investigando não somente seu roteiro, mas também a sua finalização, musicalidade e fotografia.

Em síntese, os resultados demonstram que a comunidade se utiliza da comunicação como estratégia para a sua visibilidade perante o outro. A construção a partir do vídeo-documentário tem como pano de fundo dar visibilidade à identidade coletiva do grupo, cujo intuito parece ser mostrar-se para ser visto numa perspectiva positiva sobre o ser quilombola, com realces às suas identidades étnicas. O documentário pode servir de fio condutor para estudos futuros no que tange à história do quilombo.

REFERÊNCIAS

BALDISSERA, Rudimar. Comunicação Organizacional na perspectiva da complexidade. **Organicom**, v. 6, n. 10-11, p. 115, dez. 2009.

BALDISSERA, Rudimar. Organizações como complexus de diálogos, subjetividade e significação. In: KUNSCH, M.M.K (org). **A comunicação como fator de humanização das organizações**. São Paulo: Difusão Editora, 2010.

BARTH, Fredrik. **Grupos Étnicos e suas fronteiras**. Tradução de Elcio Fernandes. 2. ed. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

BORDWELL, D. **Making Meaning: Inference and Rhetoric in the Interpretation of Cinema**. Cambridge: Harvard University Press, 1991.

DELGADO, L. de A. N. **História oral: memória, tempo e identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. (Col. Leitura, escrita e oralidade).

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na pós-modernidade**. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

NOVA ESPERANÇA, História de. Vídeo-documentário. Roteiro e finalização: Renan dos Santos, Produção coletiva. Wenceslau Guimarães, Bahia, Brasil. 28 min. 2008.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. Seguido de Grupos Étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. Tradução de Elcio Fernandes. 2. ed. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

RAMOS, F. P. **Mas Afinal... o que é Mesmo Documentário?** São Paulo: Editora Senac, 2008.

RATTS, Alex. **Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. São Paulo: Instituto Kuanza; Imprensa Oficial, 2006.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. Trad. Marcela Coelho de Souza e Alexandre Morales. São Paulo: Cosac Naify, 2010.